

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA APARECIDA EVALDT BOFF

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM  
NAS SÉRIES INICIAIS

PORTO ALEGRE  
2º SEMESTRE 2010

MARIA APARECIDA EVALDT BOFF

# AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia pela Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dóris Bittencout Almeida

PORTO ALEGRE  
2º SEMESTRE 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

**Diretora Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

## **Resumo:**

O presente trabalho tem como tema central a avaliação nas séries iniciais. Mostra que não é nada fácil modificar o processo avaliativo, pois há muitos fatores envolvidos e, para que essa mudança se concretize, é necessário o apoio e a parceria de toda a comunidade escolar. Para discutir questões relacionadas ao assunto, destaco importantíssimos estudiosos como Jussara Hoffmann, Celso Vasconcellos, Pedro Demo, entre outros, que nos revelam como se encontra a avaliação escolar atualmente, e a maneira mais indicada de avaliar a aprendizagem do aluno, já que a forma como é avaliado influencia na sua formação e personalidade. A pesquisa empírica contou com entrevistas de alguns professores de séries iniciais para descobrir o que eles pensam a respeito do assunto. A partir destes dados, pude relacionar com as buscas científicas, se suas revelações estavam semelhantes ou distantes do que os teóricos dizem.

**Palavras - chave:** Avaliação. Professor. Aluno.

## **Abstract:**

The present work is focused on the evaluation in the early grades. Shows that it is not easy to modify the evaluation process, because there are many factors involved and, for this change to happen, we need the support and partnership of the whole school community. To discuss issues related to the subject, I emphasize how very important scholars Jussara Hoffmann, Celso Vasconcellos, Pedro Demo, among others, which show how it is currently evaluating school, and better way of assessing student learning, since the way influence is evaluated on his training and personality. The empirical research had interviews with some teachers of the first to find out what they think about the matter. From these data, I could relate to scientific pursuits, whether his revelations were similar to or distant from what the theorists say.

Key - words: Assessment. Professor. Student.

## Sumário:

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
1.1 O papel do professor avaliador.....	10
1.2 Delimitar tempo para aprendizagem?.....	12
1.3 Por que é tão difícil mudar a avaliação?.....	14
1.4 Diferentes maneiras de avaliar.....	17
1.5 Os efeitos da avaliação classificatória/somativa.....	19
1.6 Como deve ser a avaliação escolar?.....	22
CAPÍTULO II – PESQUISA EMPÍRICA.....	30
2.1 Análise dos dados .....	30
2.2 Relações com referencial teórico.....	30
3 CONCLUSÃO.....	39
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
5 ANEXOS.....	42

## Introdução

O conceito de avaliação, ou melhor, de avaliar segundo o dicionário Priberam, é determinar o valor, compreender, apreciar, prezar, conhecer o seu valor.

Segundo Hoffmann (2001,p. 205) , avaliar significa “acompanhar a construção do conhecimento”. Continuando a conceituar, a autora explica que avaliar significa “questionar, formular perguntas, propor tarefas desafiadoras, disponibilizando tempo, recursos, condições aos alunos para a construção das respostas.”(2001, p. 107). Nestas definições, vê-se que no ato de avaliar estão implicadas relações de observação e constante auxílio em todos os caminhos que o aluno irá percorrer para a construção crescente do seu conhecimento, levando o tempo que for necessário para a busca de suas respostas, e de suas novas descobertas.

Nos diferentes ambientes escolares, como normas do sistema de ensino, não há como os professores escaparem da avaliação. Sendo assim, percebe-se que o ato avaliativo, apesar de estar presente no cotidiano escolar, acontece de duas formas. Ou se manifesta paralelamente e continuamente ao processo ensino aprendizagem ou ocorre em apenas uma etapa, que se resume na realização de provas e a atribuição de notas.

A partir daí, surge o seguinte questionamento: será que no interior de muitas escolas a avaliação da aprendizagem está contribuindo e auxiliando significativamente, diariamente na construção do conhecimento, ou apenas se está preocupada em cumprir com as regras da avaliação, verificando no final de bimestres, trimestres, através das somas das notas das provas, quem sabe mais e quem sabe menos?

A forma como o aluno é avaliado influencia na sua maneira de ser, pensar e agir, na sua personalidade, auto-estima, no seu desenvolvimento, por isso a importância de o professor ser um questionador, refletir sobre o modo como vem

conduzindo sua prática avaliativa, se realmente é um processo que acontece naturalmente, espontaneamente ou é por meio de cobranças ou ameaças.

O interesse pelo tema “avaliação” para meu TCC partiu do meu estágio, pois me chamou a atenção o modo como acontecia tal procedimento, me despertando curiosidade por esta temática. Ao vivenciar esse processo avaliativo que se distancia do que estudei sobre o assunto, do que aprendi durante minha caminhada no PEAD (Pedagogia a distância), o foco deste trabalho é discutir questões relacionadas à avaliação.

Com o apoio de fundamentação teórica, pretendo debater sobre o “avaliar a aprendizagem do aluno”, assim como aprendi no curso de formação, de que avaliação escolar deve ser um momento sem angústias, cobranças e ameaças, que ela seja um momento de incluir e não excluir, valorizando a diversidade existente.

Neste processo de refletir sobre avaliação, também pude lembrar de minha escolarização, a forma como era avaliada, tradicionalmente, apenas sendo cobrada a memorização de conteúdos, através de instrumentos como provas, onde o objetivo de estar na escola era apenas “ter uma boa nota no boletim”. Então me questiono, E hoje, como acontece à avaliação nas escolas? O que os estudiosos dizem sobre o assunto?

Para saber mais sobre o tema da minha pesquisa “Avaliação nas séries iniciais”, busquei embasamento teórico em estudiosos tais como: Jussara Hoffmann, Celso Vasconcellos, Pedro Demo, entre outros. No decorrer do trabalho, aprofundei o que os autores dizem sobre o assunto, mas, neste momento da introdução, considero importante pontuar algumas questões cruciais defendidas por eles:

Jussara Hoffmann defende a idéia da avaliação mediadora, a abertura ao diálogo, a importância da interação, promovendo momentos de o aluno manifestar seu entendimento sempre, avaliando o aluno como um todo e não somente seu desempenho intelectual, ou seja, avaliar o aluno de forma prazerosa e não de forma angustiante.

Celso Vasconcellos traz a avaliação classificatória como sinônimo de exclusão, mas que na verdade não adianta mudar a forma, a maneira de avaliar se não muda a intencionalidade. De nada adianta apresentar uma concepção inovadora, se a prática é totalmente contraditória.

Já Pedro Demo revela que a sociedade é o espelho da escola e vice versa, ou seja, se hoje temos uma sociedade comparativa, competitiva ela se deu pela

forma como a avaliação acontecia e ainda acontece na maioria das escolas de hoje, de competitividade uns com os outros, através dos resultados das notas das provas.

Faço minhas as palavras destes grandes pensadores, pois trazem contribuições significativas para o desenvolvimento do meu trabalho. São pensadores preocupados como acontece a avaliação na escola, trazendo novas concepções sobre o “avaliar a aprendizagem do aluno”.

No desenvolvimento do trabalho uso muito os estudos de Jussara Hoffmann, devido ela ser uma pesquisadora referência no assunto, e das buscas científicas encontradas, ela é a que mais discute sobre o mesmo, me baseando bastante em suas palavras.

O material empírico da pesquisa se constitui de entrevistas com alguns professores de séries iniciais de duas escolas diferentes. O intuito era investigar como avaliam e o que pensam sobre o assunto. Posteriormente, desenvolvi análises e relacionei suas respostas com as pesquisas científicas sobre o tema em questão.

## **CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO:**

### **1.1 O papel do professor avaliador**

Nos dias de hoje, mais do nunca, felizmente a busca é incansável por “educação de qualidade”, mais inovadora, construtiva, acolhedora e a avaliação como parte integrante deste processo, não pode ficar fora deste contexto. Como a avaliação escolar está diretamente ligada ao processo ensino e aprendizagem, ao se pensar em qualificação, inovação, revendo os projetos políticos pedagógicos, a avaliação não pode ficar no esquecimento, achando que do jeito que se encontra está bom. Analisar e refletir a prática pedagógica implica em incluir o ato avaliativo nesta reflexão.

Através de Vasconcellos (2001), posso afirmar que a realidade de muitas escolas atualmente parecem ter parado no tempo, pois, comumente professores utilizam-se de métodos avaliativos ultrapassados, mecanizados, classificando e selecionando os alunos por meio de notas, causando disputa e competitividade entre os mesmos.

Se há escolas que insistem em apresentar um modelo tradicional de avaliação, que isso não seja exemplo para nenhum educador inovador. Apesar do cansaço e da rotina diária desgastante, que muitas vezes sentimo-nos desmotivados a prosseguir, nós como educadores não podemos parar no tempo, e aceitar passivamente esta situação. Devemos arregaçar nossas mangas, sair do comodismo, e ir à busca do verdadeiro sentido do ato avaliativo, de valorizar o aluno como sujeito em construção do conhecimento.

O papel do professor avaliador é procurar ter um olhar mais observador, estar mais atento às diferentes manifestações do aluno, ao interesse e comprometimento do mesmo em diferentes atividades propostas. Promover diariamente o diálogo, a interação, através de situações desafiadoras, instigadoras, dando o direito de todas as vozes serem ouvidas e não mais silenciadas como traz a avaliação classificatória. Para que a mudança no processo avaliativo realmente aconteça nas escolas é preciso, segundo Hoffmann:

... um esforço coletivo para delinear as setas dos caminhos da avaliação educacional, na direção do seu significado ético de contribuição à evolução da

sociedade. A compreensão dos novos rumos exige a reflexão conjunta pelos avaliadores e todos os envolvidos, porque lhes exige retomar concepções de democracia, de cidadania, de direito à educação. Essa compreensão é um compromisso a ser assumido coletivamente. (,2001, p. 19)

Não há receitas prontas para a avaliação, apenas se sabe que ela deve acontecer continuamente, paralelamente ao processo ensino aprendizagem e não somente em uma etapa isolada. Juntamente com o apoio de toda equipe escolar, mobilizados nesta nova maneira de avaliar, é que romperemos com todas as barreiras, da avaliação excludente.

Que ao avaliar o professor não tenha como único objetivo a verificação do desempenho intelectual do aluno, expresso geralmente em notas, números, mas que vá, além disso, que leve em consideração suas qualidades, suas atitudes, sua participação, seu interesse, iniciativa, que caminho levou para se chegar ao resultado final, valorizando o “todo” no aluno.

Baseado em Hoffmann, (2001), a busca pela avaliação mediadora, na qual o que prevalece é a importância do diálogo, da interação em trabalhos coletivos, deixando criarem suas próprias conclusões, auxiliando-os na busca de suas dúvidas, estimulando-os a curiosidade, observando a participação, o envolvimento, o comprometimento nas diferentes atividades propostas. Avaliar o crescimento contínuo do aluno sem mais sentirem-se cobrados/torturados por meio de “provas”, que ela aconteça naturalmente, paralelamente ao processo ensino aprendizagem, essa é a melhor maneira de avaliar a aprendizagem dos alunos.

Muitos professores pensam estar no caminho certo, da mudança, da inovação, avaliam a aprendizagem dos alunos, realizando diferentes trabalhos em vários momentos, mas quando somam as notas das provas, fazendo médias aritméticas, selecionando os “bons” dos “ruins”, estão, na verdade, revelando um modelo avaliativo autoritário e classificatório, pois, segundo Hoffmann “uma avaliação a serviço da ação não tem por objetivo a verificação e o registro de dados do desempenho escolar, mas a observação permanente das manifestações de aprendizagem”(2001,p. 21).

Concordo com as palavras da autora, pois o real significado da avaliação não é o registro de dados do desempenho escolar, através das somas das notas, causando competitividade entre os alunos, mas sim a observação diária do

professor, nos diferentes momentos de manifestação do seu entendimento, prestando a atenção em “todo o processo”, nas suas dificuldades, descobertas, no crescimento individual, acompanhando e auxiliando cada aluno na sua singularidade, pois, de acordo nas palavras de Demo “todos devem poder tornar-se sujeitos sociais competentes, mais que competitivos” (1996,p.18).

Mas é importante ressaltar que o professor não é o único responsável por realizar uma prática avaliativa classificatória. Muitos profissionais se veem presos ao sistema de avaliação imposto pela escola, sem autonomia para realizar as modificações que acharem necessárias no processo avaliativo. Muitos professores, conscientes de que o modo como a escola quer que os alunos sejam avaliados, não seja o mais indicado, acabam aceitando e se acomodando com a situação em que se encontra a avaliação, ou seja, sem opção de escolha e autonomia para mudar, acabando realizando uma prática que foge do modelo certo de avaliar.

## **1.2 Delimitar tempo para a aprendizagem?**

O professor deve ter o cuidado para não delimitar tempos fixos para a aprendizagem, pois, cada aluno aprende dentro do seu ritmo, é próprio de cada indivíduo, da singularidade de cada um, ou seja, ela acontece naturalmente, sem se sentirem pressionados. Cada aluno levará o tempo que for necessário para assimilar os conhecimentos, mas “não acompanhar o ritmo da turma”, não significa que não será capaz de aprender, é que este com certeza precisa de um tempo um pouco maior para que essa assimilação aconteça, por isso que:

Uma turma de estudantes nunca irá prosseguir de forma homogênea em relação a um tema em estudo, compreendendo todos do mesmo jeito, ao mesmo tempo, utilizando-se das mesmas estratégias cognitivas (Hoffmann, 2001, p. 33)

É fundamental a valorização da heterogeneidade no ato avaliativo, pois, todos evoluem em ritmos diferentes. Não podem ser cobrados por meio de notas, antecipando o processo natural do seu desempenho, muitas vezes não apresenta uma “boa nota”, porque o tempo não foi suficiente para que aquele aluno compreendesse determinado assunto em questão.

No processo avaliativo, se há alunos que não conseguem acompanhar a turma, “são encaminhados às escolas especiais por erros na avaliação pedagógica,

e não por precisarem, de fato, de atendimento especializado”(Hoffmann,2001,p.50). Na maioria das vezes, são encaminhados a escolas especializadas, quase sempre sem necessidade, excluindo e discriminando-o, sendo que o que falta é a compreensão do professor na sua especificidade que cada aluno apresenta ao aprender e de o professor buscar outras alternativas, para auxiliá-los no seu desenvolvimento. Às vezes, o caminho mais fácil nem sempre é o melhor para nossos alunos. Baseado em Hoffmann, são muitos equívocos que acontecem no interior de muitas escolas, pois, estes alunos que “não acompanham a turma”, são na verdade visto pelos professores como um “problema na sala de aula.

Ao avaliar a turma toda de forma homogênea, ou seja, de forma padronizada, é possível que alguns alunos não consigam atingir as exigências mínimas da avaliação e o professor, cansado de tanto realizar provas de recuperação, acaba se convencendo que aquele aluno é um “problema”, pois, apresenta dificuldades exageradas de aprendizagem do seu ponto de vista, mas que na verdade, não parou para refletir se o “problema maior” não está na forma como direciona seu fazer pedagógico. Hoffmann, nos diz que:

Se nos referirmos a diferenças como dificuldades, retrocedemos à visão classificatória, de procurar ajustar trajetórias individuais dos alunos à trajetória padrão do grupo. Na concepção de avaliar para promover, todos os diferentes jeitos de ser e de aprender são valorizados. (2001,p. 154)

Não se deve avaliar igualmente todos os alunos, pois, as pessoas não aprendem as mesmas coisas do mesmo jeito, não sabem a mesma quantidade de informações e também não assimilam conhecimentos dentro de um tempo exatamente igual para todos.

O mais importante é que o professor forneça diferentes meios, recursos, crie estratégias, trabalhando a diversidade da turma, possibilitando a todos de prosseguirem, inclusive aqueles alunos que necessitam de uma atenção a mais, de um tempo um pouco maior, pois, valorizar a heterogeneidade da turma é isso é dar direito de todos seguirem em frente sem barreiras que o impeçam de chegar lá, valorizando as diferenças que cada aluno apresenta ao aprender.

E o caminho da inclusão avaliativa é esse, de valorizar todos em sua essência, pois, cada indivíduo é único e cada qual tem suas particularidades. Não adianta “fugir dos problemas”, mas sim encará-los de frente para aprender a resolvê-

los, conseqüentemente realizando uma prática avaliativa menos excludente e mais acolhedora, dando oportunidade de todos se expressarem, estaremos a caminho da verdadeira transformação que a avaliação escolar tanto necessita.

A avaliação escolar é excludente quando classifica e seleciona os mais capacitados dos menos capacitados, por meio das notas das provas. É inclusiva e acolhedora quando o que privilegia é o diálogo, o interesse, a curiosidade do aluno, a participação ativa, a troca de experiências, dando o direito de todas as vozes serem ouvidas e não mais silenciadas.

### **1.3 Porque é tão difícil mudar a avaliação?**

Mudar a forma de avaliar não é uma tarefa nada fácil, pois, são muitos fatores envolvidos. O maior deles, com base nas leituras realizadas até o momento, é a cobrança dos pais. A resistência dos mesmos em que o aluno seja avaliado por meio de notas, não deve ser um empecilho, motivo para continuar com uma prática avaliativa conservadora, como ainda vem acontecendo em muito ambientes escolares. Os pais não podem decidir os procedimentos da escola, porque segundo Hoffmann:

...não têm a competência profissional para tanto. Os registros de avaliação da aprendizagem não têm, da mesma forma, a finalidade de controle das famílias, nem pressupõe a autoria dos pais. São instrumentos metodológicos essenciais ao acompanhamento efetivo dos alunos pelos professores e instituições. Precisam ser claros e compartilhados por todos, mas a autoria desses registros é competência dos educadores. (,2001, p.49)

Mas isso não significa fechar as portas para eles, pois, a mudança acontece com a colaboração e a participação de todos os envolvidos, na abertura ao diálogo, na troca de ideias, na busca por uma melhor qualidade de ensino. Sozinho, o caminho é lento, quase impossível, mas com participação democrática, com diferentes opiniões sobre um assunto que envolve a todos (pais, alunos, professores,) as portas se abrem mais facilmente, todos discutem, chegam a um consenso, para a busca da inovação, da qualidade em educação, em avaliação.

Os pais reagem desta forma, por desconhecerem as causas e conseqüências da avaliação por classificação, ou seja, por meio de notas. Para eles, é a melhor

maneira de mostrar o aprendizado de seus filhos, talvez pelo fato de terem vivenciado na sua infância esta experiência, acreditam ser a mais indicada para seus filhos, pois, os números que constam nos boletins são mais precisos para dizer o que o mesmo aprendeu ou não na escola.

Aí é que os professores devem estar cientes do seu papel de avaliadores, da importância de trazer a avaliação mediadora, formativa, estando preparado, utilizando bons argumentos para mostrar aos pais a melhor maneira de avaliar a aprendizagem do aluno. Que o momento avaliativo não estimule a competitividade entre eles, que, sem dúvida, iriam levar futuramente esta prática para sua vivência em sociedade, de “viver competindo com todos a sua volta”.

A avaliação se torna mediadora quando há abertura ao diálogo, a participação ativa, ao direito de exporem suas opiniões, participando das tomadas de decisões,....professores e alunos seguem juntos na mesma direção, acompanhando as diferentes trajetórias para a busca de suas respostas, mediar é isso.

Avaliar o aluno é uma exigência do sistema de ensino, são normas da escola na qual os professores precisam cumpri-las, por isso que geralmente quando se modifica a avaliação temos que ter o cuidado para que a mudança não fique apenas na forma, apenas na teoria, modificando o projeto político pedagógico, e pronto. Mudança só terá sentido na prática e coletivamente. É preciso que todos os professores estejam engajados nessa nova maneira de avaliar, caso contrário todo o esforço será em vão, pois, se um determinado aluno ao ser avaliado da melhor maneira no corrente ano, no ano seguinte, se outro professor continua com uma prática avaliativa ultrapassada, de nada adiantou pensar em “modificar a avaliação”, como diz Vasconcellos:

Não adianta querer mudar a forma de expressar, se não muda a intencionalidade. Tem que mudar a concepção e a prática. Não adianta ter uma prática nova com uma concepção antiga, porque deturpa a prática. (, 2001,p. 2)

Faço minhas as palavras do autor, pois, muitos professores dizem que “mudou a avaliação”, porque a verificação da aprendizagem do aluno não acontece mais por notas, mas sim, por pareceres descritivos. Ótimo, um grande avanço, mas temos que ter o cuidado, para que essa mudança não fique somente na forma, somente modificando a maneira como ela é expressada nos boletins.

Baseado nas leituras de Vasconcellos, ele nos diz que um professor pode prejudicar um aluno com nota abaixo da média e na mesma proporção, utilizando pareceres descritivos dizendo que é preguiçoso, que comete muitos erros... A respeito dessa mudança de nota para parecer descritivo, a intenção continua a mesma, de seleção e classificação, pois, mudou somente a forma. (2001). E não é esse o sentido da mudança, de apenas modificar no projeto político pedagógico, nota por parecer descritivo.

É muito mais que isso é querer fazer a diferença, é se preocupar com o processo de aprendizagem do aluno, com sua formação e desenvolvimento como sujeito ativo e não passivos como muitos alunos são submetidos à manipulação avaliativa que a escola oferece.

A avaliação começa a ter significado, a ter intencionalidade, quando ela deixa de ter o aluno como o foco principal, a preocupação em medir seu rendimento como prioridade e passa a olhar com outros olhos, a perceber o “todo”, ou seja, tudo que envolve o processo ensino e aprendizagem, e a partir daí, repensar as condições de trabalho, em como é oferecido o ensino, como acontece à organização escolar, o currículo.... Questões que devem ser questionadas, destacadas, este é o caminho da mudança inicial.

Refletir sobre como os professores estão direcionando suas aulas, a forma como a escola está atendendo sua clientela, são exemplos de uma educação transformadora, inovadora, voltada para os reais interesses do aluno ou apenas se “aprende” dentro de regras e normas pré- estabelecidas.

Se estar na escola é disputar a melhor nota entre os colegas, alimentando a idéia de ser competitivo... Demo nos diz que :

Os educadores estranham frequentemente que a competitividade possa se alimentar da educação”. ...sendo o conhecimento o instrumento primordial de inovação e sendo esta essencial para competir no mercado, há uma relação clara entre competitividade e educação.(,1996, p.24)

Imagina-se as causas e consequências para a vida futura em sociedade, estará a escola, sem dúvida alimentando sentimentos de disputa e competição na convivência entre as pessoas, um modelo de sociedade individualista, tentando sempre ser melhor que o outro. E se caso isso não aconteça, à decepção será

grande, as pessoas se culpam, não se conforma, em “perder”, querem sempre estar por cima.

A avaliação escolar quantitativa, que acontece somente por notas, estimula a competição individual entre os alunos, gerando uma disputa para ver quem ocupa as melhores notas na classe. Isso o tornará um adulto competitivo e individualista na sociedade em que se encontra. A relação desta modalidade avaliativa com a sociedade capitalista é que ambas estimulam a competição individual, formando assim sujeitos individualistas.

Através dos estudos de Demo e Vasconcellos, percebemos que é muito difícil modificar a avaliação, porque também precisaríamos mudar a sociedade, pois, se hoje as pessoas vivem competindo com tudo e contra todos, elas se espelharam de certa forma na sua vida de aluno no interior da escola, mas que segundo Bloom “O aluno só pode competir com ele mesmo na busca do seu crescimento” ( 1983, p.99).

Que o estímulo à competição seja com ele, e não comparando com os outros. Que a disputa seja em relação a sua própria pessoa, visando seu crescimento, buscando dar o melhor de si, nas suas diferentes buscas e conquistas, sem se preocupar em ser melhor que o outro, mas sim em querer fazer o melhor sempre.

É preciso mudar a avaliação, para que as futuras gerações possam desfrutar de uma sociedade mais humana e acolhedora, onde as pessoas ao conviverem umas com as outras queiram apenas competir com elas mesmas, visando seu crescimento e desenvolvimento como sujeitos em sua singularidade, inseridas em um contexto de diversidades.

#### **1.4 Diferentes maneiras de avaliar**

Nas mais diferentes instituições de ensino, segue-se um modelo de avaliação de acordo com as normas e regimentos, ou seja, cada equipe escolar tem seu modo, sua maneira de avaliar, que se espelha em algumas das seguintes modalidades: Diagnóstica, formativa ou somativa. Segundo os autores (Bloom et al., 1983; Jorba e Sanmartí,2003) há três modalidades de avaliação: Diagnóstica, Formativa e Somativa.

De acordo com os estudos destes autores, posso dizer que a Avaliação Diagnóstica são os conhecimentos prévios dos alunos. Ela é realizada inicialmente para descobrir até onde os alunos sabem a respeito do assunto em questão. Na Formativa acontece durante “todo o processo” de ensino e aprendizagem,

percebendo e possibilitando aos alunos conhecer seus avanços e progressos. E por último a avaliação Somativa que normalmente acontece no final do processo, como verificação e constatação do desempenho dos alunos, através de instrumentos como provas.

A avaliação somativa resulta em provas, testes, notas, dando ênfase no quantitativo, ainda muito freqüente na grande maioria das escolas.

Como o próprio nome já diz “somativa” tem como principal função “somar” a notas das provas/testes realizadas pelos alunos, classificando os mesmos no final de cada bimestre, trimestre...prevalecendo somente os aspectos numéricos, ou seja, os quantitativos.

A avaliação diagnóstica e formativa se interligam, se relacionam, pois, ambas trazem a preocupação do conhecimento crescente, de “todo o processo” de construção do aluno, com ênfase no qualitativo.

Na verdade uma complementa a outra, todas as duas funções avaliativas são importantes, significativas e qualitativas.

Na prática avaliativa cotidiana é imprescindível a utilização das duas.

Na diagnóstica a cada novo assunto trabalhado, o professor irá buscar saber qual o conhecimento inicial dos alunos a respeito do tema, questionando-os, instigando-os, fazendo com que manifestem seu entendimento sempre, e não somente para realização de uma sondagem, para encontrar a melhor forma, e que caminhos seguir para trabalhar cada novo assunto, tornando a aprendizagem instigante e prazerosa.

Na formativa, o processo não é muito diferente, ela deve acompanhar toda a caminhada, o crescimento contínuo do aluno, acompanhando cotidianamente seus progressos, dificuldades para poder auxiliá-los na busca da construção dos seus saberes e não somente no final de uma etapa, como geralmente traz a avaliação somativa.

Tanto na diagnóstica quanto na formativa, valorizam o aluno em sua essência, no seu todo, prevalecendo os aspectos qualitativos, as qualidades de cada aluno, a sua capacidade de ser, pensar, agir diante de diferentes situações em que lhe são apresentadas, valorizando o sujeito como um ser em construção. Essas duas modalidades avaliativas nos mostram que esse é o melhor caminho, a maneira mais indicada de avaliar a aprendizagem do aluno, fazendo-se presente sempre no cotidiano escolar.

### 1.5 Os efeitos da avaliação classificatória/somativa

A escola e os professores que realizam uma prática avaliativa classificatória, parecem desconhecer as consequências da mesma, os efeitos que esta pode acarretar na formação, na vida futura dos alunos. Sobre este assunto Vasconcellos nos diz que:

Do ponto de vista psicológico, os estragos são enormes. Há muitas pesquisas mostrando toda a questão da auto-estima, da falta de segurança, deformações psicológicas que ocorrem, em função da avaliação. Só para citar um exemplo bem concreto: Existe criança que passa a ter mais prazer em ver o coleguinha ir mal, do que em ela ir bem. É que está sendo inculcado na criança um sentimento de competição, muito precocemente. (2001, p. 2)

De acordo com o autor, a forma como está sendo direcionada a avaliação na maioria das escolas está fazendo como que os alunos se tornem cada vez mais cedo competitivos, onde a única preocupação é atingir nota suficiente para passar de ano, pois, ainda Vasconcellos “A avaliação classificatória, excludente “provoca a não-aprendizagem, porque o (a) aluno (a) fica mais preocupado (a) em tirar nota, do que em aprender.” (2001, p. 1)

O sistema escolar está fracassando quando, entre sua clientela, gera disputa para ver quem tira nota melhor na classe, onde o verdadeiro sentido da avaliação não acontece, o da construção da aprendizagem, do “aprender por prazer”, mas apenas assimilação e memorização dos conteúdos para tirar uma boa nota nas provas, parecendo ser este, o único sentido da avaliação exigida pela escola, estudar para ir com uma boa nota no boletim.

A tensão, a ansiedade, o nervosismo, a preocupação com a tal da “prova” faz com que em alguns momentos o aluno passe por situações emocionais desagradáveis pelo fato de, às vezes, não conseguir lembrar o que havia memorizado, como se esquecesse, desse um branco, deixando-o impotente, abalando completamente seu estado emocional, como uma experiência angustiante, uma etapa ruim a ser enfrentada. Quanto a isso, Thereza Firme nos diz que “Erramos quando agredimos a auto-estima do aluno, confundindo seu desempenho

com seu valor como pessoa.” (2009,p.46).

A autora nos faz repensar nossa metodologia avaliativa, se de fato estamos valorizando o aluno como pessoa, motivando-os a seguirem em frente ou estamos agredindo sua auto estima, quando este tira notas baixas. O valor de uma pessoa, seu caráter, dignidade, capacidade, iniciativa... não poderão serem confundidos com desempenho, representados em escalas numéricas.

Ao avaliar o aluno somente por meio de provas, somando as notas das mesmas, estamos agredindo seu emocional, principalmente daqueles que não atingiram a média, que tiraram notas baixas, causando sentimento de inferioridade, incapacidade, perante os demais colegas, os considerados “bons”, revelando uma prática avaliativa excludente, selecionando os mais capacitados, dos menos capacitados, que conforme Hoffmann “Sem dúvida, uma prática avaliativa classificatória e eliminatória na escola pública continua sendo uma das maiores responsáveis, no país, pela exclusão social e manutenção das desigualdades sociais” (, 2001,p. 87).

Com a auto-estima baixa, fica difícil encontrar entusiasmo, alegria, vibração a cada novo assunto proposto, sem estímulo para buscarmos respostas as suas dúvidas, sem curiosidade em querer saber mais, acabam por estabilizar, desestimular o interesse pelo aprender na escola, caindo numa rotina de etapas distantes uma das outras, conteúdos, memorização e provas. Depois, inicia-se tudo novamente, como se uma não dependesse da outra.

Sendo assim, como torná-los sujeitos capazes por si mesmos, se o professor, a peça chave, o responsável para que isso de fato aconteça, revela uma prática avaliativa que “poda” o entusiasmo, o crescimento individual de seus alunos, pois, conforme afirma Luckesi (1995, p.35) “pela função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento.”

Todo individuo é movido por estímulos, sem motivação não teremos vontade para fazer coisa alguma. Para que os alunos tenham sua auto-estima sempre elevada, é fundamental que o professor também esteja motivado para tal, pois, de nada adianta querer que os alunos sejam uma coisa na qual o professor em suas atitudes e na maneira como direciona suas aulas demonstra outra. Os alunos, muitas vezes, são o reflexo dos professores, ou seja, se espelham em suas atitudes, são exemplos a serem seguidos. Thereza Firme nos diz que:

O aumento da auto-estima eleva o nível de aprendizagem e de competência profissional. Ao contrário, as pessoas tendem a não atuar bem quando se espera menos delas. É necessário, portanto, descobrir meios efetivos de elevar a auto-estima dos alunos.(2009,p. 47)

A autora nos fala da importância de estarmos sempre motivados, pois, só assim estaremos dispostos a querer buscar sempre mais e conseqüentemente as aprendizagens serão maiores e mais significativas, porque estão sendo buscadas, realizadas espontaneamente, sem ameaças ou cobranças.

Outro ponto importante é que nenhum ser humano vai se sair bem quando, na verdade, não se acredita nas suas capacidades e potencialidades, quando não se aposta todas as fichas nele, quando não incentiva em suas particularidades, nos seus desafios e nos seus medos.

Muitos professores, sem perceber, estão prejudicando seus alunos quando, por exemplo, no andamento das aulas, um aluno diz ao outro, “fulano tu não consegues, tu não sabes nada deixa que eu faço para ti...”. O professor, ao não intervir diante da situação, sem se dar conta, pode acabar favorecendo, preferindo sempre os que se destacam mais, não dando oportunidades de todos participarem, excluindo aqueles que na verdade precisariam de uma atenção a mais, de um incentivo a mais do professor para prosseguir, “atuar bem” como revela a autora.

Com isso, acaba alimentando na criança sentimentos de inferioridade, e ela própria pode acabar se convencendo de que ela é o problema, que nunca conseguirá ser semelhante aos demais, se intimidando muitas vezes, não querendo mais se manifestar de nenhuma maneira, muitas vezes não tendo um bom rendimento nos estudos, devido ao fato de “não acreditarem em suas capacidades”.

“Grande parte do esforço pedagógico consiste em trabalhar positivamente a auto-estima do aluno, para que possa emergir como sujeito capaz, por si mesmo”.(Demo, 996,p.20) Um sujeito bem motivado, com estímulos diários terá um desempenho e um crescimento surpreendente, pois, ele será capaz por si mesmo como fala o autor, se tornando protagonista de sua própria história.

## **1.6 Como deve ser a avaliação escolar?**

Dos autores estudados até o momento, quem mais defende a avaliação mediadora, é Jussara Hoffmann, que segundo ela:

A avaliação enquanto mediação, significa encontro, abertura ao diálogo, interação. Uma trajetória de conhecimentos percorrida num mesmo tempo e cenário por alunos e professores. Trajetos que se desencontram, por vezes, e se cruzam por outras, mas seguem em frente, na mesma direção. (2001, p.56,57)

Faço minhas suas palavras, pois o professor deve ser um facilitador da aprendizagem, alguém que caminhe junto com seus alunos, acompanhando, auxiliando-o diariamente na construção dos seus saberes, questionando-os desafiando-os, sempre. A avaliação enquanto mediação de que fala a autora é tornar como prioridade o diálogo e a interação. Dar direito de todos prosseguirem em sua trajetória é abrir espaço para discussões, promover debates, questionamentos, desafiá-los,...estando atento as mais diferentes manifestações, auxiliando-os individualmente.

O estímulo a curiosidade é o que nos move, nos mobiliza a buscar respostas as nossas inquietações, as nossas dúvidas, confirmando ou não os conhecimentos prévios, surgindo no decorrer do caminho outras perguntas, outras dúvidas, onde nossa motivação é alimentada de estímulos diários na qual o professor é o principal responsável pela formação de suas crianças, ou seja, “o compromisso do professor é a aprendizagem do aluno” (Demo, 1996, p. 43).

Quando as aulas diárias acontecem sem autoritarismo, sem cobranças ou ameaças, dando o direito de todos se expressarem, tem outro sentido na aprendizagem e no crescimento e desenvolvimento como pessoa, por isso que mediação é: “aproximação, diálogo, acompanhamento do jeito de ser e aprender de cada educando, dando-lhe a mão, com rigor e afeto, para ajudá-lo a prosseguir sempre, tendo ele a opção de escolha de rumos em sua trajetória de conhecimento.” (Hoffmann, 2001,p.74).

Quero destacar um ponto crucial de “opção de escolha do aluno” que a autora nos indica. Tem outro significado quando o andamento das aulas também for decidido por eles, quando suas opiniões foram consideradas, quando o que de fato

lhe interessa aprender for levado em consideração. E nada mais democrático e correto do que do que eles próprios manifestarem suas curiosidades, pois, conforme Lúdke “ele aprende toda hora: na dúvida, na pergunta, no relacionamento entre os colegas, no conteúdo trabalhado em turma, na dúvida ou explicação do colega(...) Cabe a professora estar atenta a isso e favorecer a aprendizagem contínua”. (1994,p.33)

O “aprender na escola” está mais direcionados aos alunos do que aos professores, então nada mais justo, do que os mesmos opinar, participar, decidirem juntos que rumos tomar, fazendo com que cada momento seja prazeroso, inesquecível, esse é o caminho mais indicado ao avaliar o aluno como um todo. Que o professor não seja o dono do saber, o que sabe tudo e o aluno nada sabe, mas sim como alguém que ensina, mas também aprende e vice-versa.

Muitos educadores se prendam a listagem de conteúdos, preocupando-se em “dar conta” do mesmo até o final do ano letivo, quando na verdade, o seu “fazer pedagógico” deveria estar focado no que o aluno realmente tem interesse em descobrir. Essa é a melhor maneira de avaliá-los, porque estarão tão envolvidos e empolgados com algo que de fato lhe interessa, que nem irão perceber a tal das regras da avaliação que a escola exige.

O professor que está realmente preocupado com a aprendizagem do aluno, com o conhecimento construtivo sempre terá estes questionamentos e reflexões ao planejar e refletir suas aulas:” O que estou ensinando de fato interessa, tem sentido para meu aluno? Minhas aulas são prazerosas e atrativas para eles? De que forma posso aperfeiçoar minha prática/ avaliativa?”

As diferentes atividades realizadas “prazerosamente” no cotidiano da sala de aula são excelentes meios de avaliação, de observação e acompanhamento do crescimento individual de cada aluno, do que apenas verificar/testar em uma única etapa a aprendizagem do mesmo, como traz a avaliação classificatória. Quanto a avaliar na prática classificatória e na concepção mediadora, Hoffmann, destaca que:

Na prática classificatória a pergunta do professor “comprova” respostas que ele já antecipou. Ele explica noções e ensina como se faz e depois pergunta ou realiza tarefas para ver se a resposta do aluno está de acordo com o que ele ensinou. Já na concepção mediadora, o professor pergunta sempre – ao iniciar, ao desenvolver e ao finalizar etapas de discussão sobre um tema.

(2001,p.101).

A citação descrita acima nos faz lembrar das três modalidades da avaliação, já comentadas nesse texto, de que na prática classificatória predomina a “somativa”, ou seja, ensina-se os conteúdos, os alunos memorizam para a prova e em última etapa, o professor verifica com a soma das notas, se as respostas estão de acordo com que ensinou.

Na visão mediadora é bem diferente, trazendo relações com a avaliação “diagnóstica” e “formativa” que o professor avaliador deve ser um questionador em todos os momentos, desde os conhecimentos prévios dos alunos até a construção dos seus pensamentos, acompanhando-os na diferentes etapas do seu crescimento.

Há escolas que dizem que ao avaliar levam em consideração os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, será que isso de fato acontece como deveria. Como uma escola vai medir em quantidade, ou seja, em números as qualidades, os valores de um aluno. Isso jamais poderá ser medido, é algo que é particularmente da essência, da profundidade de cada sujeito, sobre isto Demo nos diz que:

Qualidade é diferente da quantidade. A quantidade aponta para a extensão, uma das dimensões da qualidade, mas a qualidade, como tal, só pode se definida pela dimensão da intensidade. A qualidade para o autor, tem um significado filosófico, é uma das categorias fundamentais do pensamento, aspecto sensível que não pode ser medido, pois tem a ver com profundidade, perfeição, criação. (1994,p. 74)

Muitos professores dizem que avaliam cotidianamente o aluno como um todo, mas quando na verdade utilizam somente as notas de trabalhos, ou provas, não estão considerando “tudo no aluno”, apenas avaliando quantitativamente. O lado qualitativo, não é valorizado, que são suas atitudes, seu interesse, participação, vivências, experiências.... juntamente com seu desempenho intelectual.

Quero aproveitar o momento para falar da minha experiência avaliativa no meu estágio, nada satisfatória para mim, pois, eu deveria cumprir as regras da escola, avaliação por meio de provas e notas, como se fosse ignorar o que aprendi durante minha caminhada no PEAD.

Durante o curso, aprendi que a avaliação não pode ser classificatória,

competitiva, mas mediadora, auxiliadora, observando, acompanhando, caminhando junto com o aluno na busca de suas respostas e a forma como eu deveria proceder com a avaliação no meu estágio, ia contra os meus princípios, contra o verdadeiro sentido da avaliação, me causando indignação, descontentamento, com o que vivenciei, como se estivesse fazendo tudo errado, me sentindo presa as normas da instituição, sem autonomia para fazer diferente.

A forma como eu deveria realizar o ato avaliativo, mexeu bastante comigo, pois, era visível nos alunos o nervosismo, a tensão, a preocupação em relação às mesmas, comprovando em uma das falas de um aluno “nossa professora eu tô muito nervoso por causa da prova”.

O pouco tempo que tinha com eles já sabia quem demonstrava mais interesse, participação, quem “aprendia” mais rápido ou não, quem tinha mais dificuldade no português do que na matemática... enfim, poderia ter sido diferente, começando por mudar “notas” por “pareceres descritivos”. Não me conformava com tal procedimento, não havia necessidade de verificar em números o que cada aluno sabia ou não.

Como sendo exigência da escola e não tendo como escapar da avaliação, não há como os professores ignorarem, a parte afetiva da criança, pois o que menos deveria interessar são números, as notas, o produto final, pois, apenas alimentam a idéia de disputa e competição entre os alunos.

Mas qualidade em avaliação é bem diferente de quantidade, é ressaltar o lado positivo da criança, suas qualidades, sua iniciativa, sua postura, sua conduta e isso só é visível, se o professor proporcionar diferentes momentos de o aluno participar ativamente do processo ensino e aprendizagem.

Caminhar juntos na mesma direção, observando seu crescimento, percebendo o seu aparentemente invisível, ou seja, o seu agir interior, diante das diferentes situações apresentadas/experimentadas cotidianamente, pois, segundo Demo “qualidade não é rotina, repetição, mera reprodução, copia, imitação, mas criatividade, inovação, intervenção alternativa”...(1996,p.29).

O estar na escola, ou melhor, querer estar nela, sentindo prazer em permanecer na sala de aula, e não o contrário, como uma obrigação a ser cumprida, fará diferença no processo ensino aprendizagem quando os momentos vivenciados sejam atrativos, mágicos, únicos e inesquecíveis, sentindo-se como num “aprender brincando”, e a avaliação como parte integrante deste processo nem será notada

pelos alunos, porque acontecerá naturalmente, sem imposições.

A autora Thereza Firme fala que “o educador precisa conhecer seu contexto e abrir espaço para que o julgamento sobre seu desempenho inclua o entendimento de todos os fatores que atuam sobre ela”(2009,p. 46). Ele precisa conhecer seu contexto, sua realidade, pois, avaliar com qualidade segundo ela é “incluir todos os fatores que atuam sobre ela”, ou seja, levar em consideração toda a sua bagagem, suas vivências, experiências, sua maneira de ser e agir e não simplesmente considerar apenas os aspectos cognitivos direcionando apenas para a memorização de conteúdos.

A maneira como cada criança aprende e o tempo que ela leva para assimilar os conhecimentos adquiridos é próprio de cada um, da realidade de cada sujeito, da sua personalidade, e de outros fatores envolvidos, por isso que embora o aluno não tenha ido muito bem num determinado diagnóstico, não significa que não será capaz como os outros.

A compreensão do professor para avaliá-lo de outra maneira é fundamental, observando outras qualidades em que este se destaca, ressaltando outros aspectos relevantes, por isso que os alunos não podem ser avaliados igualmente, com as mesmas regras para todos, pois, cada ser humano é único, com seu próprio pensamento, jamais poderá ser comparado com outras pessoas, por isso que “projetar a avaliação no futuro dos alunos significa reforçar as setas dos seus caminhos: confiar, apoiar, sugerir e, principalmente, desafiá-los a prosseguir através de provocações significativas” (Hoffmann, 2001, p. 39).

Nessa nova concepção de avaliação é preciso ter o cuidado para que os instrumentos avaliativos não fiquem apenas na memorização, mas sim no estimular o aluno a desenvolver o pensamento crítico, a criar, recriar, a refletir, a reconstruir...a cada novo aprendizado experimentado por ele.

Em relação à memorização, é importante destacar que ela só terá significado para a aprendizagem, se o aluno compreende o que memoriza. Hoffmann, 2001, ou seja, a memorização poderá ser essencial se o aluno já tem conhecimento do que está memorizando, caso contrário estaremos despejando informações que não serão aprendidas por ele, apenas serão lembradas naquele momento, que depois de um tempo esquecerão o que haviam estudado. A aprendizagem com significação fica, jamais será esquecida pelo aluno.

Na minha experiência do estágio, a maior preocupação era que os alunos

realmente aprendessem de forma prazerosa. E nada melhor que os próprios alunos interajam com as atividades cotidianas, com o lúdico e com o apoio de materiais concretos. Ao trabalhar, por exemplo, a multiplicação  $2 \times 6$ , queria que eles compreendessem essa formação e não apenas memorizar/decorar que  $2 \times 6$  é 12. Depois de entenderem todo o processo da multiplicação, interagindo com o apoio de material concreto, partiria para o lúdico, para a realização de jogos pedagógicos, brincadeiras de memorização, essa é a diferença em avaliação, os alunos precisam “entender” para depois “memorizar” e não apenas prevalecer este último verbo o “memorizar”.

Como conduzir uma prática avaliativa inovadora, transformadora, se não há um modelo a ser seguido, uma metodologia pronta, os passos que indicam como prosseguir? É preciso se preocupar com a aprendizagem dos alunos, querer buscar, inovar, aperfeiçoar, indo aos poucos, percebendo na reação dos alunos essa mudança significativa.

Para dar início a essa nova maneira de avaliar, é fundamental a abertura ao diálogo, a partir disso os alunos no decorrer do percurso, das descobertas e aprendizagens, precisam registrar suas conclusões. O professor, além da observação diária, precisa acompanhar o crescimento individual de cada aluno de forma escrita e quanto a isso Hoffmann diz que “...aponta-se a necessidade da existência de registros sobre a produção dos alunos, de modo a possibilitar a verificação de progressos e possíveis intervenções”.(2001,p.18)

A autora sugere como instrumentos de avaliação dossiês e portfólios onde será registrado todo o percurso percorrido pelo aluno. Nele os mesmos irão escrever continuamente seu conhecimento crescente, ou seja, suas aprendizagens, descobertas, dúvidas, desta forma o professor terá um acompanhamento individual e isso facilitará para fazer as intervenções necessárias.

A criação de portfólios é um excelente instrumento avaliativo, pois, para mim foi um recurso muito importante sugerido no curso de pedagogia. De grande aprendizado, pois, para escrever minhas postagens frequentemente, exigia muita reflexão sobre o que de fato eu aprendi de novo, o que modificou, se modificou, de que forma eu pensava antes, porque penso diferente agora.... enfim vários questionamentos importantíssimos para que a aprendizagem tenha sentido e significado.

Quanto mais manifestações individuais e significativas houver, com registros

em blogs, portfólios ...mais o professor irá auxiliá-los a prosseguir, fazendo as intervenções necessárias acompanhando os passos do conhecimento crescente de cada aluno, para que ampliem seus horizontes com significação.

As avaliações, bem como as anotações do professor, precisam levar em consideração o todo no aluno, em sua singularidade, ou seja, seu modo de ser e agir em sala de aula, suas estratégias de raciocínio, que caminhos percorreu para se chegar em determinadas conclusões, seu entendimento no assunto em questão, suas manifestações, dúvidas.... Aspectos qualitativos que precisam ser considerados e destacados sempre no processo de avaliação, que ainda Hoffmann “avaliar para promover suscita, portanto, anotações significativas sobre o que se observa do aluno ao longo do processo...”(2001,p. 71)

Baseado nos estudos sobre Pedro Demo, posso dizer que avaliação somativa e sociedade, são duas palavras com significados diferentes, mas com algo em comum, a busca pela competitividade, ou seja, tanto na avaliação classificatória quanto na sociedade o que predomina é a seleção, a comparação.

Na sociedade, a disputa é constante, diária para ver quem ocupa os melhores lugares no vestibular, na vaga por um emprego novo. A concorrência nos últimos anos só vem aumentando, mas as pessoas estão se esquecendo de um ponto muito importante nisso tudo, que o valor, o caráter, a dignidade, de uma pessoa não está expressa em uma escala numérica, de acordo com as melhores notas apresentadas.

A avaliação tradicional, seletiva não fica muito atrás, pois, ao mesmo tempo em que se valoriza o todo num individuo através de números, onde somente os “melhores” passam para o ano seguinte, estamos contribuindo para a discriminação e exclusão, para uma sociedade desigual, alimentando nas crianças desde cedo ao avaliá-las, de que, conviver em sociedade é “competir não consigo mesmo, mas com todos a sua volta”.

Na escola, o modo como o professor conduz a avaliação está direcionando para um modelo de sociedade existente, como diz Vasconcellos “No fundo, do que os professores não se dão conta muitas vezes, é que, pelo tipo de avaliação que estão fazendo, na verdade estão definindo um modelo de sociedade”.(2001,p. 2) ou conforme Demo “...dentro de uma sociedade desigual é inevitável, a avaliação comparativa...” (1996,p.14)

A escola, ou melhor, o avaliar na escola é o reflexo da sociedade ou vice

versa. Então, qual deveria ser a verdadeira finalidade em avaliação? Que sociedade se quer futuramente para nossas crianças, classificatória, competitiva ou mais justa igualitária, inclusiva, onde “todos” são valorizados em sua essência?

Quanto à finalidade em avaliação Vasconcellos se posiciona da seguinte maneira:

A finalidade da avaliação, escrita nos projetos, é muito bonita; é promover o desenvolvimento, favorecer a aprendizagem. O problema é que existe esta outra finalidade enraizada socialmente, e da qual as pessoas não se dão conta. Então se percebe o professor avaliando para classificar, mesmo achando que com isso está prestando um serviço para o aluno, preparando-o para a vida. Vasconcellos(2001, p. 2)

É preciso parar e refletir coletivamente sobre como está funcionando a organização da escola, se na verdade está beneficiando o crescimento e desenvolvimento do aluno, se as normas de avaliação impostas pela instituição e seguidas pelos professores estarão de fato tornando-os sujeitos autônomos, contribuindo para a convivência harmônica em sociedade, “preparando-o para a vida” como disse Vasconcellos.

Sobre como deve ser a escola Lúdké diz:

uma organização que permita ao aluno caminhar dentro de seu estágio e sem retrocessos, construindo seu conhecimento dentro de suas características pessoais e a avaliação tendo a função fundamental de informar e dar consciência ao professor de como os alunos estão caminhando nesse processo, para poder reorientá-lo e tomar as decisões mais cabíveis. (1994),p.123)

Os resultados de um processo de mudança não acontecem de imediato, é uma luta constante, persistente, por parte de todos os envolvidos no processo ensino e aprendizagem, auxiliando-os dia após dia, em “todo o processo” de conhecimento crescente do aluno, dentro de suas limitações individuais. Avaliar é isso, é acompanhar, caminhar junto, lado a lado, orientando-os na construção dos seus saberes.

## **CAPÍTULO II- PESQUISA EMPÍRICA**

### **2.1 Análise do dados**

### **2.2 Relações com referencial teórico**

A melhor maneira de realizar uma pesquisa de campo com qualidade é através da entrevista oral, o olho no olho, observando atentamente todos os detalhes durante a conversa, pois, “muitas informações são reveladas pela observação” Zago .(2003,p.299).

Como a autora nos mostra que a entrevista é o principal instrumento de coleta de dados, conduzi as mesmas me espelhando em suas palavras, inicialmente explicando os objetivos, o porquê da entrevista. Procurei não expressar minhas opiniões, agindo com neutralidade durante todas as conversas, pois, se tentarmos conduzir o entrevistado a uma resposta não será pesquisa qualitativa de que tanto fala a pesquisadora.

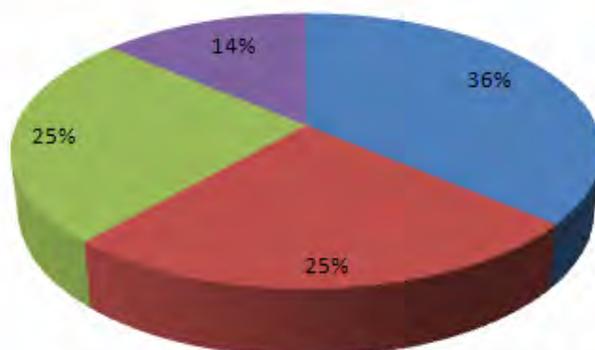
Outro ponto importante é a realização de um roteiro organizado com questões referentes ao assunto a ser investigado, para obter uma direção, focando no assunto em questão. Mas isso não significa limitar o número de perguntas, ficando preso as mesmas, mas sim dar liberdade de os participantes exporem seus pensamentos e o que sabem a respeito.

Para a realização da pesquisa empírica deste trabalho, entrevistei oito professoras de séries iniciais, de duas escolas diferentes. Todas concordaram em participar da conversa, porém algumas me passaram a impressão de que queriam se livrar logo das minhas perguntas, respondendo rapidamente, sem muitos argumentos, já outras queriam explicar detalhadamente cada questionamento feito. Algumas até me perguntaram se levariam muito tempo, já que o tempo que elas dispunham era um pouco curto, ou seja, à hora do intervalo.

Em relação à faixa etária das entrevistadas, varia de 30 a 45 anos. Metade delas tem tempo de magistério entre 8 a 10 anos. A outra metade já tem um tempo um pouco maior de serviço, de 20 a 25 anos desempenhando a profissão docente. Do total de entrevistadas, sete delas possuem curso superior completo, apenas uma está em fase de conclusão.

Após explicar o motivo da minha entrevista, iniciei nosso diálogo, perguntando a cada um deles o que entendem por avaliação e as respostas não foram tão semelhantes quanto eu imaginava.

Para melhor compreensão da fala dos professores sobre o assunto, realizei gráficos para cada pergunta lançada.



- Uma forma de verificar o aprendizado do aluno.
- Avaliação é um processo contínuo, ocorrendo juntamente com a aula, enquanto os alunos participam das atividades.
- Avaliação é um meio de acompanhar e diagnosticar a aprendizagem do aluno.
- Avaliação é um processo de observação do rendimento do aluno em relação aos objetivos planejados.

Nesta primeira pergunta feita aos professores, podemos perceber claramente no gráfico a diversidade de opiniões sobre o conceito de avaliação.

De acordo com os estudos sobre Ferreira, avaliar não é apenas constatar o que o aluno aprendeu ou não, mas sim favorecer condições de estímulo do pensamento crítico, do raciocínio, promovendo momentos de o aluno criar, recriar, reinventar, analisar, comparar, refletir o que já foi visto, tirando suas próprias conclusões, produzindo assim novos conhecimentos. (1992). Já segundo Hoffmann, avaliar é:

questionar, formular perguntas, propor tarefas desafiadoras, disponibilizando tempo, recursos, condições aos alunos para a construção das respostas.” (2001,p. 107) “Se avaliar significa “acompanhar a construção do conhecimento”, não há como acompanhar vários alunos, ao mesmo tempo, sem registros diários, contínuos, articulados em tempos e significados. (2001,p. 205)

Conforme as autoras, avaliar é realizar provocações, questionar, promover

debates, prestando atenção, observando “cada passo” na construção dos seus saberes, ou seja, acompanhando e auxiliando cada aluno nas suas singularidades.

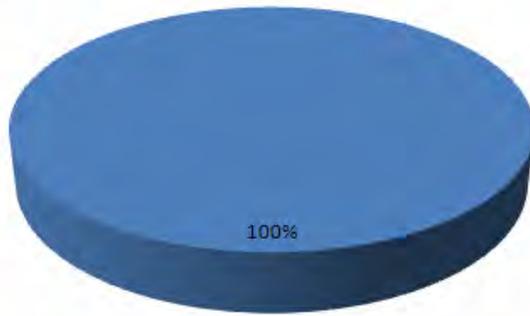
De acordo com o gráfico a grande maioria dos entrevistados respondeu que avaliar é “uma forma de verificar o aprendizado do aluno”, que baseado nos estudos realizados até o momento, essa resposta traz a idéia de verificação/constatação, utilizando instrumentos para medir a capacidade intelectual do aluno, fugindo um pouco do conceito certo de avaliação, proposto pelas autoras, pois, o objetivo não é apenas “verificar” a aprendizagem do aluno, mas sim “acompanhar” continuamente seu crescimento individual.

Me chamou a atenção que uma professora, ao falar sobre seu entendimento do assunto, entrava em contradição, quando inicialmente dizia que “a avaliação deve ser um processo contínuo, ocorrendo juntamente com a aula, enquanto os alunos desenvolvem suas atividades” e ao mesmo tempo revela que “as avaliações padronizadas, tipo provas devem ser utilizadas apenas como complementação do dia a dia”.

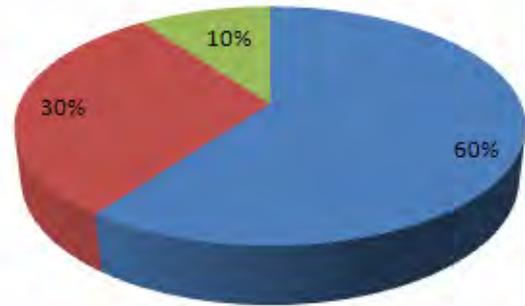
A entrevistada se confunde em sua fala, pois, se diz que a avaliação deve acontecer juntamente com a aula, cotidianamente, não se pode pensar em realizar provas para complementar as aprendizagens do dia a dia. Avaliação não é um complemento, é um processo contínuo, que caminha junto, acompanhando, observando e auxiliando os alunos na construção do conhecimento crescente.

Segundo Luckesi “A atual prática de avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico como deveria ser constitutivamente”. (1995,p.34) Como os professores estão tão acostumados com a prática avaliativa escolar, de classificação e constatação, acreditam e muitos acabam se convencendo de que não tem problema algum em realizar provas para complementar as atividades desenvolvidas no dia a dia, como revelou essa professora durante a conversa.

Para descobrir dos professores como acontece o ato avaliativo em sua prática pedagógica, a segunda pergunta foi direcionada para repensar a mesma, descobrindo como avaliam a aprendizagem dos alunos, como mostra nos gráficos.



■ Continuamente ou diariamente.



■ Através de provas e trabalhos (individuais ou em grupos)

■ Observação diária nas diferentes atividades realizadas

■ Por relatório diário, e no final do trimestre fazer um só, e manda para os pais.

Ao realizar essa pergunta às professoras, não esperava que todas fossem me dizer que avaliam ,continuamente ou diariamente, porém algumas se expressaram em outras palavras, mas o sentido foi o mesmo, comprovando no primeiro gráfico. Acrescentaram ainda, instrumentos avaliativos como provas e trabalhos, visível no segundo gráfico, sendo infelizmente a forma como a grande maioria dos entrevistados avalia seus alunos, comprovando que mesmo os professores dizendo que avaliam continuamente, não conseguem se livrar das notas, porque são normas da escola, que precisam ser seguidas. Na fala de uma professora, ela diz que “utiliza provas escritas mais por uma exigência da escola e também pela cobrança de alguns pais. Mas que para ela como educadora não é o único instrumento, prefere avaliar seu aluno no dia a dia, observando sua participação, seu desenvolvimento na construção de suas respostas”.

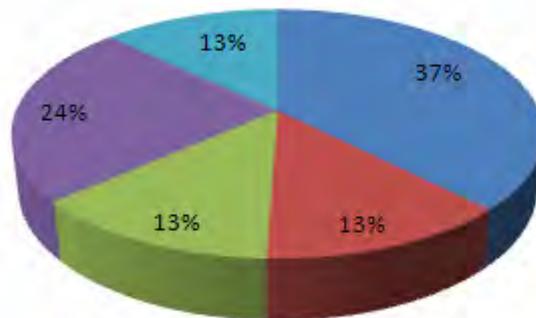
Mas como avaliar continuamente, se o que consta nos boletins geralmente são as notas das provas?

Para que a avaliação aconteça paralelamente, juntamente ao processo ensino aprendizagem, ela não poderá se dá por meio da “soma das notas”, pois, são metodologias que se contradizem. Ela deverá acontecer como afirmaram uma minoria dos entrevistados, que avaliam através da observação diária na diferentes atividades realizadas. Este sim é o caminho certo da avaliação, pois, Hoffmann deixa bem claro isso, “resguardar o sentido ético da avaliação significa percebê-la como

questionamento permanente do professor sobre sua ação, sobre o que observa do aluno(...)" (2001,p.44)

Para a autora, o professor deve ter um olhar observador em avaliação, mas, além disso, ele também deve sempre questionar sua ação pedagógica, se está no caminho certo, colocando-se no lugar do aluno, se realmente gostaria que fosse avaliado da mesma forma que o mesmo. Refletir sobre sua prática, este é o ponto crucial para se fazer a diferença na escola em que faça parte, pois, a mudança só acontecerá de fato, se houver reflexão de suas atitudes.

Na terceira pergunta, foco do meu trabalho, gostaria de saber no entendimento das professoras qual a melhor maneira de avaliar a aprendizagem dos alunos de séries iniciais, e durante a conversa, as respostas foram bastante diversificadas.



- Observação diária, contínua.
- Buscar sanar as dificuldades de aprendizagem, no decorrer do dia a dia, criando estratégias para essas dificuldades.
- Avaliar constantemente, verificando em alguns momentos através de trabalhos ou provas.
- Oportunizar o aluno a se expressar de diferentes maneiras (textos, portfólios, apresentações orais, trabalhos escritos...)
- Acredito que é por notas.

A grande maioria das entrevistadas entende como “melhor forma de avaliar os alunos” através da observação diária e contínua. Baseado no que os estudiosos dizem, esta é uma das melhores maneiras de avaliar a aprendizagem dos alunos, juntamente com 13% dos entrevistados, que disseram que, devemos “oportunizar o aluno a se expressar de diferentes maneiras”. Já a mais completa foi na seguinte fala “ observando e acompanhando o processo de desenvolvimento e construção do conhecimento do aluno...”

Ao mesmo tempo em que estamos constantemente observando, acompanhando cada etapa do seu desenvolvimento, devemos propiciar momentos de o aluno manifestar suas posições de diferentes maneiras, expressando naturalmente seu entendimento sobre um assunto em questão, trabalhando assim as diferenças individuais que cada aluno apresenta ao aprender.

Segundo Hoffmann a dois caminhos avaliativos, um certo e outro errado:

Errado: Quando se controla para julgar, basta andar ao lado de alguém, observando, registrando, coletando provas do caminho que trilhou. Tabelas, contagens, fichas servem para dizer se o aluno conseguiu chegar ou não ao final, seguindo os padrões preestabelecidos.

Certo: Quando se acompanha para ajudar no trajeto, é necessário percorrê-lo junto, sentindo-lhe as dificuldades, apoiando, conversando, sugerindo rumos adequados a cada aluno. (2001,p. 89)

Fiquei surpresa com duas respostas que fogem do modelo certo de avaliação proposto por Hoffmann, que é “por meio de notas” e “qualquer forma de avaliar é válida, desde que tenha por objetivo, identificar as conquistas e dificuldades dos alunos...”

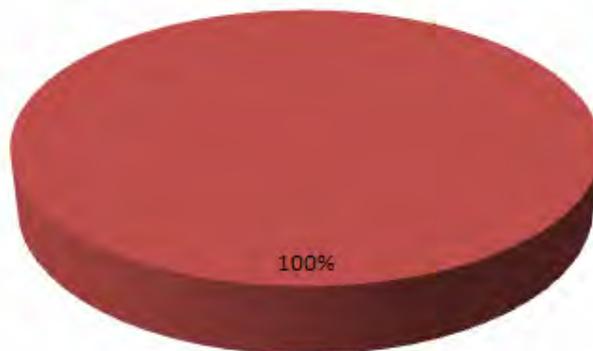
Um professor nos dias de hoje, diante de tantas inovações, com cada vez mais acesso e rapidez as informações, parece ter um pensamento cristalizado, ultrapassado, sobre como deve ser a avaliação, dizendo “por meio de notas”, revelando uma prática avaliativa do passado, em que o objetivo parece ser apenas medir a capacidade intelectual dos alunos, através das notas das provas, como mostra o modelo errado de avaliação na citação descrita acima, “registrando,coletando provas do caminho que trilhou...”. Através de um modelo padronizado de avaliação, indicará se o aluno passou ou não para a série seguinte.

A segunda resposta não é muito diferente, porém com outras palavras, mas

com significado semelhante, como “qualquer forma de avaliar é válida...” Se fosse assim não se discutiria tanto nos dias de hoje sobre “avaliação escolar” e todos se acomodariam diante dos modelos avaliativos padronizados que infelizmente encontramos na grande maioria das instituições de ensino, segundo os estudiosos.

As consequências da avaliação classificatória são preocupantes, então não se pode afirmar que qualquer forma de avaliar é válida, embora que o objetivo seja “identificar conquistas e dificuldades” revelando na fala de uma professora, onde através de Hoffmann, o mais correto seria, “acompanhar seus progressos e conquistas, auxiliando-os em suas particularidades”. Não podemos pensar que qualquer processo avaliativo possa ser considerado, desde que meu objetivo equivocado (identificar) em avaliação seja solucionado.

Para finalizar a entrevista e descobrir se há alguma relação da avaliação de hoje da avaliação vivenciada há alguns anos atrás, perguntei as participantes da mesma, como acontecia a avaliação, quando eram alunas.



■ Através das notas das provas/testes.

Relembrando de como acontecia a avaliação na sua infância, todas as oito entrevistadas apresentaram a mesma resposta, ou seja, por meio de provas e notas.

Podemos dizer que nos dias de hoje, felizmente houve algumas melhorias no processo avaliativo, no sentido de buscar alternativas que não sejam aquelas vivenciadas na sua infância, como aluna, de apenas memorização dos conteúdos que eram passados, somente com instrumentos como provas. Prática esta, bastante tradicional e autoritária, privando os alunos do direito a liberdade de expressão, de manifestação do seu entendimento.

Infelizmente ainda encontramos professores que insistem em alimentar esta prática totalmente equivocada, com as notas das provas que constam nos boletins, percebendo claramente nas pesquisas feitas em Hoffmann, de que a forma como o professor direciona a avaliação hoje, é reflexo das suas vivências enquanto educandos, da maneira como eram submetidos ao processo avaliativo, prática tradicional e classificatória, preocupando-se somente em passar os conteúdos e coletar dados numéricos das “aprendizagens” dos alunos.

Parece que os professores que utilizam ainda este modelo avaliativo ultrapassado, não se deram conta ainda das consequências das vivências da avaliação na sua infância, com cobranças e ameaças, vistos como robôs programados para aprender somente o que e quando o professor mandasse, sem dar importância hoje, no presente, para o que poderá acarretar no futuro de seus alunos, ao repetir essa mesma prática. Na fala de uma professora, ela confirma estas atitudes dizendo que “as coisas não mudaram muito, porque hoje também encontramos colegas de trabalho que avaliam seus alunos somente por provas”

Querer mudar é um passo muito importante, mas continuar repetindo os mesmos erros é não querer enxergar com os próprios olhos a realidade que os cerca, é não se colocar no lugar do outro, é querer fazer com que as crianças de hoje vivenciem as mesmas experiências angustiantes e tensas que seus educadores já passaram, comprovando na fala de uma professora quando estudante “tínhamos o maior pavor das provas”, e isso acarretará inúmeras consequências na vida futura de seus alunos.

Através desta pergunta direcionada as professoras, não poderia deixar de relembrar da minha experiência de aluna, como ficava preocupada e tensa com os momentos finais, as provas. Era apenas memorização de conteúdos, ou seja, geralmente estudava-se/decorava-se uma quantidade X de perguntas, na qual não se sabia qual e quantas delas conteriam nas provas.

Com o uso desta metodologia avaliativa, havia poucas aprendizagens significativas, pois, estar na escola para mim era aceitar passivamente tudo sem muitos questionamentos, sem direito de manifestar nossa opinião. As aulas se resumiam em escutar o que a professora ensinava/seguia pelo livro didático, para depois responder as perguntas no caderno sobre o assunto do livro, que certamente precisariam ser “decoradas” para a época das provas.

Mas há exceções, professores que estão a cada dia querendo inovar, tentado

aperfeiçoar seu ato avaliativo, valorizando continuamente a construção do conhecimento do aluno em todos os momentos, formando sujeitos críticos e investigativos, com pensamentos e opiniões próprias.

Esta pesquisa empírica foi de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, poder conversar oralmente com os professores, com certeza é a melhor forma de realizar pesquisa com qualidade, pois, é algo espontâneo, naturalmente, descobrindo o que pensam e sabem no ato, sem respostas pré-elaboradas.

Com os dados coletados relacionei com os teóricos estudados, percebendo que algumas falas estavam mais próximas do que os mesmos dizem, já outras nem tanto, mas todas as manifestações de opiniões foram válidas, pois, fazer pesquisa é isso, é partir do diálogo, analisando diferentes pensamentos, relacionando e discutindo com fundamentação teórica, encontrando respostas ou não para o nossa pergunta problema.

### 3 CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, pude perceber que falar de avaliação, ou melhor, tentar aperfeiçoá-la, inová-la na prática, envolve muitos fatores, por isso que se diz que é bastante amplo e complexo discutir tal procedimento.

Baseando nos estudos de vários autores, infelizmente ainda encontramos escolas que avaliam a aprendizagem dos alunos de forma tradicional, classificando e selecionando os alunos por meio das notas das provas. Muitos professores procedem desta forma, pelo fato de estarem presos ao sistema educativo, as exigências da escola, sem autonomia para mudar o processo avaliativo, observado também na pesquisa empírica para o desenvolvimento deste trabalho realizado.

Mudar a avaliação não é uma tarefa nada fácil, exige muita persistência e determinação por parte inicial dos professores e depois dos demais membros envolvidos na equipe escolar.

A avaliação não pode ser vista e vivenciada como uma etapa a parte, separada do processo ensino aprendizagem, como as provas que acontecem no final de bimestres e trimestres, pois, o conhecimento não se constrói como se fossem gavetas separadas, mas sim no dia a dia, fazendo relações com sua realidade de vida e a avaliação como parte integrante deste processo não poderá acontecer distante deste contexto.

A metodologia avaliativa utilizada pelo professor pode ajudá-lo ou prejudicá-lo em sua vida futura. Irá ajudá-lo se o ato avaliativo for um momento vivenciado sem angústias e tensões, um processo que acontece naturalmente sem cobranças e ameaças. Irá prejudicá-lo se o modelo avaliativo for classificatório, que seleciona e discrimina, trazendo sérias consequências para a vida futura dos alunos, como; tornar-se um adulto inseguro, submisso, sem questionamentos, aceitando passivamente tudo o que lhe for imposto, alimentando o entusiasmo de querer viver sempre competindo, pois, a avaliação por notas traz esse significado.

Quando a avaliação passa a assumir o papel de mediadora da aprendizagem, baseando-se nas modalidades formativa e diagnóstica, ela deixa de ter o foco no aluno, no coletar dados e informações do que aprendeu ou não sobre o assunto, e passa a valorizá-lo em sua essência. Abre novas possibilidades para o aluno em todos os sentidos, tornando-se sujeitos autônomos, ativos e participativos.

Quanto às entrevistas realizadas com as professoras sobre o assunto em questão “avaliação”, pude concluir com a pequena minoria de entrevistadas, não tornando como verdade absoluta, que de um modo geral estas educadoras apresentaram opiniões diversificadas e que em alguns momentos se contradizem em suas falas, revelando que avaliam continuamente, paralelamente ao processo ensino e aprendizagem, mas ao mesmo tempo utilizam instrumentos, como provas e trabalhos. Fica difícil pensar em inovar o processo avaliativo quando somente as provas permanecem nos ambientes escolares, embora sejam regras da escola.

“ É necessário incluir, apreciar e, sobretudo, amar antes de ensinar. Avaliação é isso”. Thereza Firme, (2009,p. 47)

Como não encontramos os passos por escrito de como proceder com a avaliação escolar, precisamos ter boa vontade, inspiração, querer fazer a diferença, na vida de nossos alunos, preocupando-se com a construção da aprendizagem de nossos pequenos.

#### **4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: As setas do caminho. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

VASCONCELLOS, Celso. Revista Mundo Jovem. Edição 318, julho de 2001.

FIRME, Thereza Penna. Revista Pedagógica Pátio. Editora Artmed. Ano XIII,nº50, maio/julho 2009.

DEMO, Pedro. Avaliação sob o olhar propedêutico. Editora Papyrus, 6ª edição – 2005.

Texto disponível pelo curso: Retratos da avaliação: conflitos, desvirtuamentos e caminhos para a superação. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.39 -61.

Dicionário Priberam, disponível no site: <http://www.priberam.pt/DLPO/>

ZAGO, Nadir. Itinerários de pesquisa- Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Editora DP& A, Rio de Janeiro,2003.

## 5 ANEXOS:

Questões realizadas na entrevista com as professoras:

- 1) O que você entende por avaliação?
- 2) Como você avalia?
- 3) No seu entender, qual a melhor forma de avaliar os alunos?
- 4) Quando você era aluna, como acontecia a avaliação?

Termo de consentimento assinado pelas professoras:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET” o estudo, que culminará na elaboração de uma tese de Doutorado, pretende contribuir para a compreensão das práticas culturais de leitura e escrita de jovens na internet, mais especificamente das escritas de fan fictions e seus desdobramentos. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são a Professora Dra. Maria Stephanou, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a doutoranda Larissa Camacho Carvalho, do referido Programa de Pós-Graduação. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 8415-0148.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu Rosineide Alves Ewaldt, Identidade n.º 9071070982 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação intitulada provisoriamente “NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET”, desenvolvida pela doutoranda Larissa Camacho Carvalho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Stephanou, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração.

Rosineide Alves Ewaldt

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET" o estudo, que culminará na elaboração de uma tese de Doutorado, pretende contribuir para a compreensão das práticas culturais de leitura e escrita de jovens na internet, mais especificamente das escritas de fan fictions e seus desdobramentos. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são a Professora Dra. Maria Stephanou, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a doutoranda Larissa Camacho Carvalho, do referido Programa de Pós-Graduação. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 8415-0148.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu Elizete Hoendler Hoahn, Identidade n.º 1035608651 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação intitulada provisoriamente "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET", desenvolvida pela doutoranda Larissa Camacho Carvalho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Stephanou, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Elizete Hoendler Hoahn.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET" o estudo, que culminará na elaboração de uma tese de Doutorado, pretende contribuir para a compreensão das práticas culturais de leitura e escrita de jovens na internet, mais especificamente das escritas de fan fictions e seus desdobramentos. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são a Professora Dra. Maria Stephanou, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a doutoranda Larissa Camacho Carvalho, do referido Programa de Pós-Graduação. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 8415-0148.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu Rosani Miller Alves, Identidade n.º 151R.1.975.175 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação intitulada provisoriamente "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET", desenvolvida pela doutoranda Larissa Camacho Carvalho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Stephanou, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

R. Miller

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET" o estudo, que culminará na elaboração de uma tese de Doutorado, pretende contribuir para a compreensão das práticas culturais de leitura e escrita de jovens na internet, mais especificamente das escritas de fan fictions e seus desdobramentos. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são a Professora Dra. Maria Stephanou, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a doutoranda Larissa Camacho Carvalho, do referido Programa de Pós-Graduação. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 8415-0148.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu Maquiel Selau Borges, Identidade n.º 607471684 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação intitulada provisoriamente "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET", desenvolvida pela doutoranda Larissa Camacho Carvalho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Stephanou, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Maquiel Selau Borges

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET" o estudo, que culminará na elaboração de uma tese de Doutorado, pretende contribuir para a compreensão das práticas culturais de leitura e escrita de jovens na internet, mais especificamente das escritas de fan fictions e seus desdobramentos. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são a Professora Dra. Maria Stephanou, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a doutoranda Larissa Camacho Carvalho, do referido Programa de Pós-Graduação. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 8415-0148.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu Jaqueline Schutz Pereira, Identidade n.º 6055811654 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação intitulada provisoriamente "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET", desenvolvida pela doutoranda Larissa Camacho Carvalho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Stephanou, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Jaqueline Schutz Pereira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET" o estudo, que culminará na elaboração de uma tese de Doutorado, pretende contribuir para a compreensão das práticas culturais de leitura e escrita de jovens na internet, mais especificamente das escritas de fan fictions e seus desdobramentos. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são a Professora Dra. Maria Stephanou, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a doutoranda Larissa Camacho Carvalho, do referido Programa de Pós-Graduação. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 8415-0148.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu Vanessa Andréia Suxuata Mendonça Identidade n.º 1073666057 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação intitulada provisoriamente "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET", desenvolvida pela doutoranda Larissa Camacho Carvalho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Stephanou, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET" o estudo, que culminará na elaboração de uma tese de Doutorado, pretende contribuir para a compreensão das práticas culturais de leitura e escrita de jovens na internet, mais especificamente das escritas de fan fictions e seus desdobramentos. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são a Professora Dra. Maria Stephanou, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a doutoranda Larissa Camacho Carvalho, do referido Programa de Pós-Graduação. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 8415-0148.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu Profa. Maria Hendler Medel, Identidade n.º 1034923878 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação intitulada provisoriamente "NAVEGANDO PELOS ESCRITOS DA ERA DIGITAL: PRODUÇÕES CULTURAIS DE JOVENS NA INTERNET", desenvolvida pela doutoranda Larissa Camacho Carvalho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Stephanou, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Profa. Maria Hendler Medel